

Três vezes e um Poema

Mote para exaltação



Estátua no Café A Brasileira
Chiado, Lisboa
Autoria de Lagoa Henriques

Mensagem
Mar Português
O Mostrengo

Fernando Pessoa

Três vezes e um Poema

Mote para exaltação

MENSAGEM MAR PORTUGUÊS O MOSTRENGO

Notação histórica

O Mostrengo, em seu simbolismo, é o Adamastor camoniano. Porém, com configurações distintas, situam-se na história em tempos diversos.

O Adamastor, circunscrito a um acidente geográfico (promontório), enfrenta a armada de Vasco da Gama, no reinado de D. Manuel I.

O Mostrengo, a configurar os medos dos navegantes (o fim do mar, mar sem fundo), hostiliza um súdito de D. João Segundo.

Numa leitura textual, o homem do leme, sendo súdito de D. João II, leva-nos ao navegador Bartolomeu Dias. Numa leitura contextual, todavia, chega-se, com mais fidelidade ao esforço do empreendimento marítimo, à figura do célebre navegador Gil Eanes. Com este navegador enfrentava-se, de fato, um mar desconhecido cujos medos (*fim do mar, mar sem fundo*), eram lendários e reais. O navegador viu-se obrigado a várias tentativas para dobrar o Cabo Bojador, também conhecido por Cabo do Medo:

“*Quem quer passar além do Bojador / Tem que passar além da dor*” (Fernando Pessoa, *Mensagem*).

Ao tempo de Bartolomeu Dias (portanto, meio século depois) já toda a costa ocidental africana era conhecida, dilatado estava o horizonte e mais confiante o atrevimento.

Notação vocabular

Mostrengo: o vocábulo com a derivação sufixal (*-engo*) e com o revestimento lexical que o vai caracterizando (noite de breu, voar, chiar, cavernas, tetos negros, roço, imundo) leva-nos de imediato à figura do morcego – animalejo que se repele por abjeto, asqueroso, repulsivo. Porém, diga-se, com *mostrengo* e não *morcego* ganha o poema, pois reveste-se o termo de maior teor de indefinição do ser, o que contribui ao mistério, e, personificado, agiganta-se e faz frente ao “homem do leme”.

Adamastor: figura mitológica, recorrente na literatura. Aparece em Homero (*Odisseia*, XXII, 212) e em Virgílio (*Eneida*, III, 614). Homero usa Damasto; Virgílio, Adamasto. Por curiosidade, aponte-se que João Guimarães Rosa deu o nome, na forma usada por Homero, a um personagem, no conto **Os Irmãos Dagobé**, in *Primeiras Estórias*: “Estava-se no velório de Damastor Dagobé...”.

Enquanto o Mostrengo assume a figura de um animal, o Adamastor é um rochedo personificado em figura humana. Os dois, afinal, somam os medos que os navegantes tinham que vencer.

Fim do mar, fim do mundo, mar sem fundo: No mar tem-se medo, e um tempo houve em que o mundo, que não era redondo, tinha um fim! E lá nas brumas do horizonte, à espera, um abismo! – Quem dobrar o Cabo Não, voltará ou não! Assim, os medos dos navegantes.

O Mostrengo

O mostrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;
À roda da nau voou três vezes,
Voou três vezes a chiar,
E disse, “Quem é que ousou entrar
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tetos negros do fim do mundo?”
E o homem do leme disse tremendo,
“El-Rei D. João Segundo!”

“De quem são as velas onde me roço?
De quem as quilhas que vejo e ouço?”
Disse o mostrengo, e rodou três vezes,
Três vezes rodou imundo e grosso,
“Quem vem poder o que só eu posso,
Que moro onde nunca ninguém me visse

E escorro os medos do mar sem fundo?”
E o homem do leme tremeu, e disse,
“El-Rei D. João Segundo!”

Três vezes do leme as mãos ergueu,
Três vezes ao leme as repredeu,
E disse no fim de tremer três vezes,
“Aqui ao leme sou mais do que eu:
Sou um Povo que quer o mar que é teu;
E mais que o mostrengo, que me a alma teme
E roda nas trevas do fim do mundo,
Manda a vontade, que me ata ao leme,
De El-Rei D. João Segundo!”

Na leitura do poema, destaca-se, de imediato, o número três, com densidade expressiva na enunciação *três vezes*. Três, número ímpar, perfeito, misterioso – o número da Divindade (Pessoa cultivava a Numerologia).

Eis, então, três estrofes, nove versos na estrofe, vinte e sete no poema. Três ao quadrado e ao cubo.

O número nove compoendo a estrofe também é significativo. Na esfera cabalística o nove é o começo e o fim (o alfa e o ômega). Fecha um ciclo e dá início a um ciclo superior. Considerado gerador e místico, encerra a ideia esotérica de salvação espiritual: de ciclo em ciclo gera um novo homem.

De fato, o *homem do leme* de estrofe em estrofe se transforma. É avassalado pelo medo na primeira, *disse, tremendo*; recupera-se um pouco na segunda, *tremeu, e disse*; e transcende a si mesmo na terceira, *aqui ao leme sou mais do que eu*.

O motivo transformador é uma *vontade* superior, a vontade de D. João II.

O vinte e sete é o cubo de três, e cubo é referência a um poliedro perfeitíssimo. Também o poema é perfeito em si mesmo. Nada lhe sobra e nada lhe falta. É completíssimo.

O poema

Na primeira estrofe, o mostrengo é o dominador. Domina na ação e na fala

*A roda da nau voou três vezes,
Voou três vezes a chiar,*

*..., “Quem é que ousou entrar
Nas minhas cavernas...”*

A repetição “voou três vezes”, final do verso e início do outro (*anadiplose*), e o apelo aos sentidos visual e auditivo avolumam o medo no homem do leme. A sensação visual repetida, *voou três vezes / voou três vezes*, prolonga a ação até quase à vertigem, e a sensação auditiva onomatopaica das fricativas /v/, /z/ e /x/ no verbo *chiar*, corporifica e aproxima o mostrengo.

Na segunda estrofe, o homem do leme se recupera, equilibra o medo e a coragem. Observe-se o oitavo verso na permutação dos verbos, pois é sabido que a palavra que encerra o verso ganha destaque. Assim, na primeira estrofe, *disse tremendo*, tem-se o efeito prolongado, no aspecto durativo do gerúndio, sobre o homem do leme, fortemente atemorizado. Na segunda, *tremeu, e disse*, tremer no pretérito perfeito exprime ação conclusa (tremeu, não treme mais) e, com ação reduzida, cede para o outro verbo (*disse*) a importância e o destaque. Portanto, o homem recupera-se e se impõe.

Na terceira estrofe é o homem a dominar. Reage na ação e, decidido, fala:

*Três vezes do leme as mãos ergueu,
Três vezes ao leme as reprendeu
E disse...*

Três vezes, iniciando os dois primeiros versos (*anáfora*) e terminando o terceiro, concretiza a figura do homem do leme no erguer e reprender autômato das mãos, em notável materialização dramático-visual expressa pela consonância fonética oclusiva-vibrante-fricativa /t, r, v, z/ e pela expressiva visualização nas preposições *do, ao*: *do leme / ao leme*.

Afinal é um poema épico-dramático. O homem do leme eleva-se a herói mítico a incorporar a alma coletiva e, atado a uma vontade superior, transcendente, afronta o mostrengo, repta-o: *Sou um Povo que quere o mar que é teu*.

Por fim, a rima do sétimo verso, eneassílabo, e do nono, hexassílabo, perfeita, grave (*mundo/fundo, Segundo*), nas três estrofes, com acentuada ênfase na última, contribui ao tom solene a realçar a majestade do rei *D. João Segundo*.

E, assim, na vontade soberana do rei (*Manda a vontade, que me ata ao leme, / De El-Rei D. João Segundo!*), está a ALMA da Lusitânia* – luxcitânia – a impulsionar as caravelas, que, com a Cruz Templária, não mais do Templo, mas da Ordem de Cristo, rompem um novo tempo, a IDADE MODERNA.

* Lusitânia, possível origem: o ligúrico Lu, Lug ou Luz, o que confere com Lux-Citânia, o “Lugar da Luz” (*Portugal Templário – Vida e Obra da Ordem do Templo*, de Vitor Manuel Adrião, p. 22, São Paulo, Madras, 2011)

“Indícios arqueológicos e pesquisas etnográficas relativamente recentes sugerem que os lígures estejam ligados aos lusitanos, possivelmente por partilharem uma origem comum”. (Wikipédia)

*

São pílulas condensadas de *Os Lusíadas*.
Assim se referia à *Mensagem* o poeta e professor Tasso da Silveira, em aulas concorridas, marcadas pelo coloquial.
O que perde em eloquência, própria da Epopeia, ganha em dramaticidade, própria da contenção de Pessoa.

Notas:

1. Adamastor: Titã mitológico em um dos mais belos episódios épicos. (*Os Lusíadas*, canto V, 37 – 60).
2. D. João II: Rei da Dinastia de Avis (1455 – 1495) em cujo reinado se navegou toda a costa ocidental da África, chegando-se ao Cabo da Boa Esperança com Bartolomeu Dias (1487).
3. D. Manuel I: Rei da Dinastia de Avis (1469 – 1521) em cujo reinado Vasco da Gama fez a viagem do descobrimento do caminho marítimo para Índia (1497).
4. Vasco da Gama: Descobridor do caminho marítimo para a Índia, no reinado de D. Manuel I, comandando uma frota de quatro navios: São Gabriel, São Rafael, Bérrio e São Miguel (nau de mantimentos). A chegada a Calicut deu-se em 24 de maio de 1498.
5. Bartolomeu Dias: Navegador português que, no reinado de D. João II, dobrou o cabo a que deu o nome de Cabo das Tormentas (1487), e que o rei preferiu chamar de Cabo da Boa Esperança.
6. Gil Eanes: Navegador português que, sob as ordens do Infante D. Henrique, dobrou o Cabo Bojador (1434), marco importante para as navegações marítimas posteriores.
7. Cabo Bojador: Na costa da África, Saara Ocidental.

A passagem deste cabo desfez os mitos medievais que assombravam os marinheiros.

8. Cabo Não: Cabo no litoral de Marrocos, fronteiro ao arquipélago das Canárias, ponto extremo do mundo antigo. Os marinheiros tomados por superstições faziam correr o provérbio: *Quem passar o Cabo Não voltará ou não.*

Fernando Pessoa:

Fernando Antônio Nogueira Pessoa nasceu e morreu em Lisboa (1888 – 1935). Viveu e estudou na África do Sul. O inglês passou a ser sua segunda língua.

Em Lisboa levou vida modesta como escriturário e correspondente de casas comerciais. Frequentou a boemia literária do Chiado e, como poeta, começou pela poesia em língua inglesa.

Em 1914 nasceram seus três principais heterônimos: Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis. Em 1934 publicou *Mensagem* (único livro em língua pátria publicado em vida). Com a publicação das Obras Completas (começada em 1943, por Luís Montalvor) teve início a influência de sua poesia sobre as novas gerações de poetas.

Fernando Pessoa é tido como o maior poeta português depois de Camões.

Destaque da obra: *Mensagem*; *Cancioneiro*; *Poemas Completos de Alberto Caeiro*; *Odes de Ricardo Reis*; *Poesias de Álvaro de Campos*; *Livro do Desassossego de Bernardo Soares* (semi-heterônimo); *Poemas Dramáticos*; *English Poems I, II, III*.



Trabalhos enviados objetivando o site da *Ápice*:

1. Trabalho falando de Hermann Hesse (já entregue)
2. Fernando Pessoa: análise de texto, *O Mostrengo*,
3. *A Montanha Mágica*, apreciação de leitura,
4. Trilogia da Milenium e outros textos, apreciação de leitura,
5. *Incomunicabilidade*, observação crítica e um pouco irônica da comunicação.
(abril, 2018)